



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade                 | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |  |  |

## **Espaços, tempos, memórias e arquiteturas. Le Corbusier e Sigfried Giedion**

*Spaces, times, memories and architectures. Le Corbusier and Sigfried Giedion*

*Espacios, tiempos, memórias y arquitecturas. Le Corbusier y Sigfried Giedion*

DA SILVA PEREIRA, Margareth (1);

ORTIZ DOS SANTOS, Daniela (2);

(1) Professor Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ – PROURB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; e-mail: spmarg@terra.com.br

(2) Doutoranda, Swiss Federal Institute of Technology Zurich, ETH – gta/ETHZ, Zurique, ZH, Suíça; e-mail: danielaortiz@ig.com.br



## **Espaços, tempos, memórias e arquiteturas. Le Corbusier e Sigfried Giedion**

*Spaces, times, memories and architectures. Le Corbusier and Sigfried Giedion*

*Espacios, tiempos, memórias y arquitecturas. Le Corbusier y Sigfried Giedion*

### **RESUMO**

O presente trabalho busca chamar atenção para a lenta e surpreendente aproximação intelectual entre Le Corbusier e Sigfried Giedion, lançando luzes sobretudo sobre as lacunas em relação à biografia deste último, particularmente, na década de 1920. Ainda que preliminarmente, são apontadas suas visões sobre um vocabulário moderno em formação o que terá impacto sobre seus discursos em relação à nova arquitetura, à história, ao lugar da memória e, ainda, guiam suas reservas à noção de estilo ou a construção de suas narrativas. Neste sentido, tanto a escrita quanto o desenho seriam compreendidos como construções, ou seja, práticas sociais que presentificam uma vontade, um estado crítico sobre a experiência imediata. A amizade construída ao longo de anos, revelada não apenas em escritos "oficiais" dos CIAM, mas também por meio de longas cartas e trocas de afeto, nos parece indicar que tal "eleição afetiva" vem a gerar impactos e desdobramentos férteis em suas poéticas. Em contraposição a uma análise que considera os discursos de Giedion e Le Corbusier como vozes quase que "uníssonas e hegemônicas" dos CIAM, nos debruçamos sobre suas práticas exatamente neste período de aproximação, buscando situá-las no espaço e no tempo, apontando para uma desejável complexidade no campo da arquitetura e do urbanismo, entendidas como ações permeadas de escolhas, alianças e tensões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Le Corbusier, Sigfried Giedion, arquitetura moderna, escrita sobre a história

### **ABSTRACT**

*The present paper draws attention to the gradual but revealing intellectual encounter between Le Corbusier and Sigfried Giedion. It sheds light on the gaps with regard to Giedion's biographical studies during the 1920s in particular. This work, albeit preliminary, indicates their understandings of a modern vocabulary that is about to be constructed. Their visions and uses on this new vocabulary will produce an impact on both Giedion and Le Corbusier's discourses when dealing with issues of the "new" architecture, of history and the place of memory, and whose terms and notions such as style will begin to be used with reticence by them. Both writing and designing activities would be claimed by Giedion and Le Corbusier as constructions, thereby being social practices that embody a will and a critical attitude towards the immediate experience. The closer relationship built through the years is revealed not only in the "official" CIAM correspondence, but also in long private letters. Such "elective affinity" seems to have produced significant impact on both Giedion and Le Corbusier's poetics. We focus then on these two actors in a time when this encounter begins, looking at their several practices and discourses situated in time and space. In contrast with analyses that maintain Giedion and Le Corbusier's discourses as the unique and hegemonic voices of CIAM, we would rather propose a study that begins to argue for a more complex approach in this field of actions, alliances and tensions.*

**KEY-WORDS:** Le Corbusier, Sigfried Giedion, modern architecture, writing history

### **RESUMEN**

*El presente trabajo llama la atención para el gradual pero sorprendente encuentro intelectual entre Le Corbusier y Sigfried Giedion. Buscamos echar luz sobre los hiatos en relación a la biografía de Giedion en los años veinte, en particular. Aunque de modo preliminar, señalamos sus comprensiones de un vocabulario moderno todavía en formación. Sus visiones y usos del nuevo repertorio de palabras*



*producirán percusiones y efectos en los discursos de ambos actores, al tratar de temas relacionados a la nueva arquitectura, la historia y el lugar de la memoria, donde nociones como estilo serán tratadas con reservas. A Giedion y Le Corbusier, el “escribir” y el “proyectar a través del dibujo” serían comprendidos como construcciones. En otras palabras, estas acciones serían prácticas sociales incorporando una voluntad y un “estado crítico” sobre la experiencia inmediata. El amistad y la confianza construídas a lo largo de los años pueden ser constatadas no solamente en las cartas “oficiales” del CIAM, sino que también en sus escritos personales. Así, nos parece pertinente pensar que esta “elección afectiva” puede haber generado fuertes impactos mutuos en sus poéticas. De esta manera, nuestro enfoque es investigar las prácticas, situadas en el espacio y tiempo, de los dos actores durante sus primeros años de relación. En contraste con estudios que consideran los discursos de Giedion y de Le Corbusier como prácticamente voces unísonas y hegemónicas de los CIAM, proponemos, sin embargo, un examen y abordage más complejo deste campo de alianzas, acciones y tensiones.*

**PALABRAS-CLAVE** *Le Corbusier, Sigfried Giedion, arquitectura moderna, escrita sobre la historia*

## 1. INTRODUÇÃO

CIAM é LC [Le Corbusier] e Giedion. LC é o defensor da Geometria. Ele está certo na medida que isto lhe diz respeito mas não é válido para nós. Giedion é um judeu, um homem da propaganda, sem nenhuma consciência. Não faz muito tempo Hilberseimer escreveu-me contando que ele havia publicado um livro sobre a Neues Bauen (Space, Time and Architecture), que representa a maior falsificação da história. Os outros membros dos CIAM nada mais são do que satélites ou sombras que orbitam em torno deles. (HÄRING, 1947)<sup>1</sup>

Estas palavras são do arquiteto alemão Hugo Häring escritas em 1947, período de divulgação na Europa do pós-guerra do livro *Space, Time and Architecture* (Espaço, Tempo e Arquitetura) publicado em 1941 nos EUA. Häring, foi um dos membros fundadores dos CIAM e, como se sabe, esteve presente no Congresso Preparatório Internacional de Arquitetura Moderna de junho de 1928, organizado por Hélène de Mandrot em La Sarraz.

Do ponto de vista estético, desde àquela época, embora participando das correntes pós-expressionistas, Häring não defendia ideias muito próximas de Giedion e Le Corbusier. Como comenta Posener, ele participava do grupo *Berlin Zehenering* (Círculo dos 10) fundado em 1924 mas, embora abrindo espaço para o que justamente chamaram de uma *Neues Bauen* (Nova Construção) sua busca não derivava do caminho da geometria e da matemática como para Giedion e Le Corbusier, mas, francamente “do caminho das formações orgânicas”. (apud. MUMFORD, 2000, 279).

As reservas de Häring, movidas por visões de arte ou de mundo, em relação a Giedion e LC mantiveram-se por toda a sua vida. Entretanto, sua posição crítica, particularmente, em relação ao papel de ambos no interior dos CIAM não foi um ato isolado. Seu ponto de vista ganharia espaço e alimentaria em muitos aspectos a própria crise dos CIAM em 1956, compartilhada por uma grande parte dos historiadores e críticos de arquitetura nos Estados Unidos e na Europa.

A forma de interpretar a história dos CIAM e dentro dela estudar consensos e tensões, os diferentes papéis dos seus fundadores e, até mesmo, as diferentes periodizações e com ela as temporalidades que marcam o grupo e o movimento, talvez tenha começado a ser escrita lentamente, apenas, nas últimas décadas.

Neste sentido, o trabalho de Martin Steinmann realizado na década de setenta sobre a organização dos arquivos de Giedion relativos aos primeiros CIAM foram fundamentais para situar os discursos oficiais dos diversos atores envolvidos. Seguiram-se os de Giorgio Ciucci (1981), Van der Woud (1983) Lampugnani (1986) até os trabalhos mais ambiciosos tanto na documentação específica quanto de análise como os de Tsiomis (1997), Mumford (2000), Risselada e Van den Heuvel (2005). Na última década, os estudos de Marisol Sosa e Konstanze Domhardt deram novas luzes sobre o tema, expondo lutas internas e rupturas, bem como

---

<sup>1</sup> “CIAM is LC and Giedion. LC is the supporter of Geometry. He is right as far as he is concerned, but this is not valid for us. Giedion is a Jew, a propaganda man, completely without conscience. Not long ago Hilberseimer wrote me that Giedion has published a book on Neues Bauen (Space, Time and Architecture), which represents the greatest forgery in history. The other CIAM members are nothing more than satellites orbiting around these two, or shadows”. (trad. dos autores). Carta de Hugo Häring a Hans Scharoun, 27/12/1947, apud. J. C. Buerkle, “Berlin and the Influence of CIAM in Germany after 1945”, in: *Rassegna*, n.52, Dez 1992, pp.68-75; R. Geiser, “Giedion in Between. A Study of Cultural Transfer and Transatlantic Exchange, 1938-1968”, tese de doutorado defendida na ETH Zurique em 2010, pp. 81.



analisando as contribuições de atores como W. Gropius e J. L. Sert para os rumos dos CIAM. Cabe lembrar que Gropius foi o responsável por trazer Giedion à Harvard e Sert, que foi presidente dos CIAM de 1947 a 1956, tomou frente da escola após a aposentadoria de Gropius em 1952. Em mais de uma geração de esforços, as interpretações foram ganhando uma nova consistência e mais matizes, pautadas em fontes claramente estabelecidas e muitas vezes cruzando informações de diferentes acervos. Assim, a compreensão das práticas arquitetônicas e urbanísticas do movimento passaram a possibilitar visões mais plurais e menos lineares das culturas artísticas e arquitetônicas envolvidas, revelando as inúmeras tensões e incompreensões entre alguns dos próprios atores em cena - como se vê.

De fato, com a abertura de inúmeros arquivos públicos e privados e com a facilidade de seu acesso nas últimas duas décadas, novos olhares e abordagens sobre os estudos dos CIAM e seus principais protagonistas foram sendo tecidos, beneficiando-se de centenas de trabalhos monográficos em torno dos primeiros signatários de uma grande nebulosa renovadora e que, indiscutivelmente, promove a enorme transformação que marca a arquitetura e sua agenda no século XX.

De nossa parte, buscamos aqui chamar a atenção modestamente sobre temas (Giedion), períodos (1922-1937), deslocamentos de sentido e vocabulário ainda não exaustivamente explorados nas páginas dessa cultura moderna. São objetos de estudo que se impuseram como problemas de natureza estético-histórica e, ou, metodológica em nossas pesquisas. Parece ser relevante compartilhá-los sobretudo quando se dedica não a prática direta da arquitetura e do urbanismo, mas à sua crítica e, portanto, aos seus pressupostos implícitos ou explícitos, discutidos ou eludidos.

Ainda que sob o modo de um *work in progress* este texto insiste, assim, em ser um esforço “arqueológico” para trazer à tona e reatualizar sejam debates que permanecem como ruínas à espera que sejam objetos de um olhar ou, francamente, procedimentos de pesquisa. Em ambos os casos, uns e outros parecem exigir sua explicitação uma vez que parecem guardar, potencialidade para uma reflexão e uma ação contemporânea no campo conceitual da arquitetura, seja como forma, seja como narrativa.

Nosso intuito aqui, não é propriamente o de focar as relações entre Giedion, Le Corbusier e Häring, mas entre os dois primeiros - convergentes em tantos aspectos, mas já suficientemente divergentes em tantos outros e que parecem pouco esclarecidas seja em relação à própria forma com se conheceram e puderam - para além do bem e do mal - ser protagonistas centrais de um deslocamento radical na forma de se pensar e fazer a arquitetura no século XX.

Neste sentido, buscamos, por um lado, contribuir com a crítica permanente que vêm sendo feita sobre o que se convencionou chamar movimento moderno - considerando-o, entretanto a própria plataforma da cultura arquitetônica contemporânea. De onde a necessidade de continuar a escavá-lo. Por outro lado, colocando-nos em contraposição à recepção simplista, ainda hoje, que ainda prevalece sobre suas lutas, estratégias, conquistas, fracassos, o que acaba mantendo a interpretação reducionista de Hugo Häring.

Assim, metodologicamente, nos debruçamos sobre as práticas de Sigfried Giedion e Le Corbusier situando-as no espaço, no tempo e nas suas condições de possibilidade enquanto gestos, ações e posições.

Na verdade, as perguntas que passaram a nos mover nesta pesquisa foram simples. O que faz

indivíduos se cruzarem, passarem a se frequentar e compartilhar uma trajetória comum? Porque o discurso de Le Corbusier encontra particular ressonância no Brasil? E, para além dele, o que fez com que sem participar de modo sistemático de qualquer encontro dos CIAM a arquitetura moderna no Brasil tenha tido tantos pontos de convergência também com Giedion? O que fez com que o engenheiro suíço prefaciasse o livro de Mindlin e o que esse gesto significou? Quais são as visões de arquitetura, cidade, política, história e ação que sustentam estes encontros? E qual a trajetória das curvas de convergências ou divergências que propiciam esses encontros? Acentuadas e em rumos opostos como a de Häring ou mais leves como as de Giedion, Le Corbusier e, ainda, Lucio Costa.

As possíveis respostas a estas perguntas, no que diz respeito ao Brasil, são ainda mais embrionárias até mesmo porque são mais ambiciosas e por necessitarem de longas digressões e cujas inferências exigem, por sua vez, ainda dezenas de monografias e *papers* para serem “provadas”. Entretanto, pode-se dizer que não obstante a diferença de gerações, elas vêm nos ocupando há muito tempo mas não serão tampouco tratadas aqui.

Hoje trataremos de propor apenas o que nos é possível chamar a atenção entre o encontro destas duas figuras: o engenheiro filho de suíços de Zug nascido em Praga e que circula pelo meio de língua alemã, e o arquiteto *chaux-de-fonnier* que escolhe Paris como a cidade para viver e trabalhar. Encontro este que tem ressonâncias do ponto de vista estético-histórico com o grupo moderno brasileiro: uma atitude reflexiva diante da prática da arquitetura; uma visão - moderna - de história e do lugar das reminiscência e da memória; a rejeição da noção de estilo que é compartilhada e apoiada pela própria meditação estética e filosófica.

Estas questões reverberam no campo metodológico para um historiador atento aos sentidos e significados culturais de suas próprias interpretações. De fato, a questões mais gerais e que dizem respeito às posições sociais e políticas dos arquitetos convidados à La Sarraz mereceriam ser claramente apontadas, avaliadas e discutidas sobretudo quando se sabe que a prática historiográfica dominante mostra-se até certo modo displicente em relação a essas questões.

Basta lembrar que dos 44 convidados à La Sarraz em 1928, apenas 25 participam da reunião com ausências significativas de Gropius, Mies, e Karl Moser.<sup>2</sup> Porque Häring responde ao convite de H. de Mandrot e outros não o fazem? Ou não o consideram relevante? Porque estes e não aqueles?

Por outro lado, as atas mostram, ainda, que nem todos tomaram a palavra no evento e as questões linguísticas e, até mesmo de vocabulário, para não dizer de interpretações de termos, devem ter pesado nas afinidades entre os participantes e nas diferentes tendências que, em seguida, se observa no movimento .

Por fim, o próprio delineamento de suas estratégias e táticas de ação variaram, evidentemente, de um país a outro em função das posturas políticas mais ou menos reformistas ou radicais dos próprios renovadores. Foi muito diferente defender uma nova prática e uma nova agenda para a arquitetura até 1933, em alguns casos com o crescimento do nazismo, ou até 1937, com o início da segunda guerra mundial em outros casos. Durante a guerra, estar na França, na Suíça, na Itália ou nos EUA ou, enfim, estar em exílio ou em sua

---

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre as atas dos primeiros CIAM, ler: M. Steinmann, *CIAM: Dokumente 1928-1939*. Basel – Stuttgart: Birkhäuser, 1979; A. BAUDIN. *Hélène de Mandrot et la Maison des Artistes de La Sarraz*. Lausanne: Payot, 1998; E. Mumford. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge – London: The MIT Press, 2000.



própria casa - e, ainda no Brasil, implica em atitudes, escolhas e condições objetivas de encomenda e trabalho que não foram as mesmas. Aspectos da vida, como de resto a carta de Häring ou as intolerâncias contemporâneas não nos permitem silenciar.

## 2. QUESTÕES DE VOCABULÁRIO

Começamos pelas questões de linguagem e mais por aquela falada do que pela visual - ela própria justamente em crise. Afinal, o que falar quer dizer? A pergunta destabilizadora formulada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu há mais de três décadas não é uma piada ou uma provocação supérflua. Fala-se e entende-se segundo culturas e posições, aprendemos desde então com os analistas de discurso.

Entretanto, ainda hoje são raríssimos os esforços de arquitetos, urbanistas e historiadores no sentido de verificar quando falam até que ponto o significado dos seus discursos é compartilhado por aquele que o ouve e menos ainda no sentido de garantir um mínimo de estabilidade no significados dos termos que empregam. Quanto aos historiadores, muito poucos dentre os quais A. Forty<sup>3</sup> e seu livro permanecem exemplarmente como exceção, vêm se perguntando sobre os sentidos das palavras - as mais simples: espaço, forma, função, geometria, ciência ou história - no interior da cultura disciplinar.

Ora, os anos 1920 foram marcados por grandes movimentos de deslocamento no sentido das palavras e de fixação de vários neologismo, com implicações, inclusive no desenvolvimento de procedimentos de projeto. A circulação de uma língua a outra de certas expressões, assim merecem ser contempladas.

De fato, apenas para resgatar a crítica à geometria de Häring, note-se que naqueles anos muitos arquitetos engajados na renovação das práticas de projeto também observavam a natureza e suas formações orgânicas como ele, mas buscando aí princípios gerais de ordem e regularidade. O próprio Le Corbusier, não vê nesse gesto, necessariamente, um rompimento com a geometria. Além do mais, são movidos nesse processo por diferentes objetivos.

Entre 1922 e 1928, isto é, até o encontro de La Sarraz, Le Corbusier, tanto em pintura quanto em arquitetura vinha deslocando suas pesquisas formais do período do purismo e, se aproximando de matemáticos como Matila Ghyka orientando-se em direção a caminhos híbridos.

Em outras palavras, entre a simplificação purista e o expressionismo, buscava abrir uma outra via não somente para *Neues Bauen* - mas também para uma *Neue Sachlichkeit*, como vinha sendo discutida em diversos círculos artísticos de Zurique a Berlim ou Praga.

O arquiteto começava a buscar romper tanto com o expressionismo do movimento eclético quanto com a posição acrítica das práticas acadêmicas. Mostrava-se, também, cada vez mais inclinado - tendo em vista sua prática pictórica - em refletir sobre o próprio processo de objetivação operado na arte contra toda forma de subjetividade excessivamente perceptível na obra.

Le Corbusier buscava definir de outro modo também o próprio uso da expressão *Neue Sachlichkeit*, que passara a ser discutido a partir de 1923 - quando também esta expressão foi cunhada. Para muitos dos arquitetos engajados na renovação da arquitetura e das artes

<sup>3</sup> A. Forty, *Words and buildings: a vocabulary of modern architecture*. London: Thames&Hudson, 2000.

plásticas a expressão vinha sendo traduzido por “nova objetividade” e era usada com uma espécie de dogmatismo confundindo-se, assim, com os discursos cientificistas da década.

Era interpretada por muitos - talvez como o próprio Häring - como a crença em uma pura cientificidade que não só seria controlada pelo artista, *a priori*, mas que o uso da geometria ou a adoção da industrialização e do maquinismo, em sua funcionalidade imediata, também seriam capazes de revelar claramente em suas formas.

Ora, entre 1927-28, a interpretação da *Neue Sachlichkeit*, alimentará também uma polêmica em torno do projeto do *Mundaneum* entre Le Corbusier e o teórico e crítico de arquitetura Karel Teige, como se sabe um dos faros da arte e da arquitetura moderna tcheca. É essa violenta polêmica entre os dois que permite esclarecer querelas e divergências de interpretação, entre indivíduos, grupos e áreas linguísticas, mesmo entre os mais próximos.

Teige conhecia o trabalho e Le Corbusier desde o período do purismo e haviam tecido relações de proximidade que se mantiveram até o resultado do Concurso para a sede da Sociedade das Nações (SDN). Naqueles anos o crítico tcheco vinha repetindo a velha máxima de Flaubert em seus artigos de que a arte do futuro seria “impessoal e científica”. Contudo, desde meados dos anos 1920, também começaria discretamente a combater a “geometria clássica e abstrata” de Le Corbusier, particularmente após a publicação de *Vers une architecture*.<sup>4</sup>

Assim, embora Le Corbusier publicasse na revista moderna editada por Teige, *Stavba*, nas suas páginas passava a ser cada vez mais usual a defesa de uma arquitetura que, sendo guiada por “princípios unificadores científicos”, fosse também histórica, o que atacava frontalmente o encaminhamento que Le Corbusier passara a dar a sua obra.

Mas se a crítica de início foi discreta, a aderência que a arquitetura deveria ter com a racionalidade e a cientificidade, tornando-se a expressão pura da lógica construtiva e dos valores nobres de uma massa proletária anônima, deixam de ser especulações e tornam-se dogmas.<sup>5</sup> A censura de Teige também se dirigirá à própria arte, instituição capitalista que necessita ser “liquidada” para renascer - se for o caso - em outras bases.

É aqui que a posição marxista de Teige também passa a contar mais forte. O que contrapõe os dois homens é sobretudo, uma definição da arquitetura em termos estritamente construtivos, estruturais, funcionais e úteis e, em consequência, a crítica do teórico tcheco à uma monumentalidade buscada, por Le Corbusier, como no *Mundaneum*, que é vista como a-social.

Quanto a Le Corbusier, ele discordava e passava claramente a combater tanto essa denegação da arte de modo geral e na prática da arquitetura, em particular quanto a busca da expressão tanto da cientificidade cobrada por Teige quanto da organicidade desejada por Häring.

Essas posições se revelam em seus textos dos anos 1920, e marcadamente, em seu artigo *En défense de l'Architecture*,<sup>6</sup> escrito para *Stavba* em 1929, no calor das polêmicas com Teige sobre os projetos *Mundaneum* e, ainda, da *Cité Mondiale* que propusera a Paul Otlet. Devido

---

<sup>4</sup> Karel Teige *De Stijl and Dutch modernism*, *Stavba* n3 (1923-24) apud. R. Svacha, *Before and after the Mundaneum* in E. Dluhosch e R.Svácha. *Karel Teige 1900-1951- L'enfant terrible of the Czech modernist avant-garde*, Cambridge, MIT, 1999, pp.112

<sup>5</sup> apud. R. Svacha, *Before and after the Mundaneum* in E. Dluhosch e R. Svácha. *Karel Teige 1900-1951- L'enfant terrible of the Czech modernist avant-garde*, Cambridge, MIT, 1999, p.114-115

<sup>6</sup> Le Corbusier, *En défense de l'architecture*. texto datilografado de artigo que deveria ser publicado na Revista *Stavba*, 1929. pp.10-12 FLC

aos desgastes entre os dois, o texto será publicado somente em 1931 na revista *Musaion*.<sup>7</sup>

Na verdade o artigo é integralmente uma resposta às críticas de Karel Teige ainda que o tom possa ser, às vezes, descontraído. Mas para além dele o recado se dirige a grande parte do grupo de língua alemã ou que nela se expressava mais facilmente (holandeses, suíços de cantões alemães, e, em parte tchecos). Este vinha se batendo em torno do conceito de *Neue Sachlichkeit*, cujas ações, como lembrou Ortiz, resultaram na morte das palavras *Baukunst* e *Kunst* e, na sua substituição por *Bauen* e *Leben*. É Le Corbusier que sublinha no artigo:

Há em vocês o diletantismo do novo romantismo, aquele da máquina. Para outros (os práticos) trata-se de uma medida policial quiçá oportuna (...). E como aquilo que conectava as massas com o passado – com a arquitetura, com a arte – eram palavras, isto é, noções com um fundamento sentimental, primeiro tenta-se fazer admitir que a época maquinista suprimiu inevitavelmente a arte e a arquitetura.

Se você adota a atitude de condutor de povos, quiçá tenha razão em admitir também medidas de lei marcial. Mas eu, que pretendo salvaguardar orgulhosamente minha completa liberdade, meu espírito de artista ou criador, pretendo manter-me em minha anarquia (com relação às suas medidas policiais) e prosseguir dia após dia uma busca apaixonante: aquela de uma harmonia. (LE CORBUSIER, 1929)<sup>8</sup>

E é ainda, como nas velhas fabulações, por meio de uma anedota que, neste longo artigo de 1929-31, Le Corbusier continuaria a expor parte de suas convicções. De fato, o arquiteto franco suíço relataria que quando terminava o projeto do *Mundaneum*, em 1928, alguns jovens no seu atelier, mostraram-se também insatisfeitos (como vinha se comportando a crítica) com o uso da forma piramidal no projeto, elemento que, no entanto, o estruturava.

Cansado dos debates e querendo dar fim às hesitações e discussões sobre o assunto Alfred Roth, arquiteto suíço que trabalhava também com ele na proposta, em um dado momento declara categoricamente: “[Chega!!!] ‘o que é útil é belo’ e, com um golpe”, chuta uma lixeira cheia de dezenas de croquis destruídos, que, inclusive, nem mais cabiam nela (LE CORBUSIER, 1929). Com a força a forma curva perfeitamente desenhada da trelíça metálica da lixeira rompe-se e o monte de croquis rasgados, curiosamente, passam a se acomodar perfeitamente dentro da cesta.

Diante do insólito de toda a situação, todos caem na gargalhada mas Roth, visivelmente atrapalhado com a cena, olha a “curva tecnicamente sachlich (expressão direta da trança de fios metálicos)” - como esclarece Le Corbusier - e diz: “Que horror!” (LE CORBUSIER, 1929)

Aqui, saindo na defesa tanto do uso da geometria, quanto da arte na arquitetura e, graças à defesa dos princípios de harmonia, Le Corbusier expõe sua noção de belo. Assim, retrucando, ironiza:

“Ora, Roth, Desculpe... mas se a cesta contém agora mais lixo “ela é [ainda] mais útil e portanto, mais bela! Seja coerente...” - e continua - (...) Este exemplo é engraçado ... [mas] logo em seguida restabeleci o equilíbrio e acrescentei: ‘a função beleza é independente da função utilidade’; são duas coisas. O que é desagradável ao espírito, é o desperdício, pois o desperdício é burro; é por isso que o útil nos agrada. Mas o útil não é belo.’ Se abandonarmos a dimensão plástica para investigar os efeitos da sachlichkeit, em benefício do conforto, - no caso, para ver a que ponto estamos satisfeitos com o progresso do maquinismo - [creio que] posso pensar...: o luxo mecânico não é uma função direta da felicidade (...) No

<sup>7</sup> Le Corbusier, ‘Obrana Architektury’ (En défense de l’architecture), *Musaion* n10 (1931) e Karel Teige, ‘Odpoved LeCorbusierovi (Resposta à Le Corbusier), *Musaion* 10 (1931) apud. R. Svacha, *Before and after the Mundaneum* in E. Dluhosch e R. Svácha. *Karel Teige 1900-1951- L’enfant terrible of the Czech modernist avant-garde*, Cambridge, MIT, 1999, p.138.

<sup>8</sup> Le Corbusier. *En défense de l’architecture*. Texto datilografado do artigo que deveria ser publicado na Revista *Stavba*. (1929).FLC. apud D. Ortiz dos Santos. *Pequeno vocabulário de Le Corbusier*. PROURB-UFRJ, dissertação 2009

meu caso...estou privado de todo conforto. Mas crio e sou perfeitamente feliz. (...) Se a adaptação às vantagens da máquina é automática, e, portanto, as alegrias que ela traz, efêmeras, o caminho à felicidade espiritual é permanente e particularmente, devemos isso à harmonia. (LE CORBUSIER, 1929, pp. 10-12)

Em 1928, a piada servia não apenas para discutir a relação causal entre forma, função e utilidade e a *Neue Sachlichkeit*, mas para ir ainda mais longe. Pode-se dizer que o conceito de *Sachlichkeit* para Le Corbusier é ao mesmo tempo preciso, objetivo e controverso, na medida que é aberto, inacabado. Curiosamente, a leitura atenta das fontes escritas - mas também de seus projetos - mostra: aquele que passaria para a história como a própria expressão do funcionalismo – Le Corbusier – refuta a funcionalidade como essência da arquitetura.

Ele escreve: “no espírito de seus inventores” [sempre] haverá “um sentido inacabado’, [e se] ‘quisermos ser *Sachlich*’, será necessário dizer [até mesmo]; ‘Isto funciona, mas, sei que isto me agrada, me sacia, me interessa, me faz cócegas, me excita, etc.” (LE CORBUSIER, 1929) E provocando o “poetismo” de Teige, que inventara o termo e concedera que a pintura e a literatura poderiam fazer poesia mas a arquitetura só “construtivismo” ele pontua:

Eu lhe pergunto poeta, qual é o motivo que impede aos homens de fazerem revolução, um alvoroço e depois, morrer de fome em suas ruínas? É que somente podemos e devemos considerar este instrumento como um liberador que permite, em primeiro lugar, resistir à competição, em seguida, avançar sobre o tempo [das coisas], e, por fim permitir a cada um, pôr em ordem as atividades cotidianas, pensar em algo e sonhar alguma coisa.

E você me concederá que esta esperança de comer a cada dia seu alimento espiritual – por mais frustrante que seja – é o que fará tolerar a dura vida da *Sachlichkeit* e dará esperança de uma saída, o sentimento de criar algo... de ter uma ideia. Aí está a reserva de resistência dos homens, o orgulho humano... ou [até] a ilusão, se quiser ser [e permanecer] cético. (LE CORBUSIER, 1929, pp.6-7)

Teige ao contrário de Häring não participa nem do Congresso Preparatório de La Sarraz, nem do seguinte na Alemanha quando as divergências advindas das diferentes posições já estão explicitadas. Le Corbusier, ao contrário encontra em Giedion nesses anos um aliado e pouco a pouco um amigo e parece acreditar que poderia caminhar com ele.

De fato, os CIAM foram uma construção coletiva, lenta, difícil, complexa que como uma grande nebulosa exige que seja examinada de múltiplos ângulos, ano a ano, a cada configuração. Aqui, a postura, mais discreta, mais conciliadora ou articuladora de Giedion vai mostrando toda sua amplitude. De fato, quando se aprofunda em sua história nesses anos o seu encontro com este Le Corbusier que circula e publica nos meios intelectuais europeus de forma desenvolta é, no mínimo, surpreendente. Ou mesmo quando se analisa o que estes jovens traziam como promessa de futuro em 1922, nada parecia indicar que seus caminhos se cruzariam: um engenheiro, outro arquiteto, um vem da alta burguesia, outro de um meio modesto, não falam a mesma língua, não partilham as mesmas leituras, não se interessam até então pelos mesmos temas.

A partir de 1928 os caminhos seguidos por ambos passam a ser tão compartilhados que, inclusive, parece como que natural que se encontrassem, se entendessem e criassem, também naturalmente, o enorme fórum de debates sobre a arquitetura e o urbanismo que representaram os CIAM, mesmo antes de guerra.

O jovem engenheiro Giedion de certo modo, viveu na década de 20 e em um curto espaço de três ou quatro anos uma mudança radical de rumos. Como Le Corbusier, também. Mas seu processo intelectual, foi inteiramente outro. Tendo se dedicado aos estudos de história da arte e sobre o Barroco como aluno de Wölfflin até 1922, ano em que defende sua tese em

Munique, Giedion vinha buscando, por sua vez caminhos também mais complexos para situar a arte, e a criação, para além da taxinomia - entre classicismo e barroco - proposta por seu mestre.

Em realidade, sua tese *Spätbarocker und romantischer Klassizismus*, já demonstrava uma inclinação do engenheiro e historiador de arte justamente por uma compreensão do barroco menos como um período de explosão da subjetividade do artista, para entendê-lo como momento de crise e de grande pesquisa formal. Em suma, como momento de busca de passagens e de potência formal cristalizadas em tempos de incertezas como, igualmente aqueles tratados tanto em seu trabalho, quanto na atualidade.

Assim, mais uma vez aqui as questões de nomenclatura precisam ser pontuadas para que se possa pelo menos situar, ainda que em estágio apenas inicial, tanto as declarações de Häring quanto as questões que movem este trabalho e suas perspectivas teórico-metodológicas.

De fato, é preciso salientar que na década de 1920 o horizonte dos trabalhos de Giedion e LC em torno da arte, do qual faz parte indissolúvel a arquitetura, se desloca da questão do estilo para a questão da forma. O que de resto os aproximava do Círculo Berlinese dos 10 de Häring que editava a revista *Die Form*.

Contudo, justamente aqui, o interesse pela forma não estava guiado por sua externalidade, por sua aparência final - apenas. Cada vez mais, Le Corbusier e Giedion, cada um ao seu modo, ao longo da década passam a prescrutar as formas também pelo seu avesso. Le Corbusier, de um lado, escrevendo diferentes obras de análise, bem como esforçando-se em construir projetos de arquitetura e de urbanismo “em acordo” com o seu tempo, como por exemplo a *Cité Frugès* em Pessac (1924), as casas para mecenas de arte moderna como a *Maison La Roche* (1923-25) e a *Villa Savoye* (1928-29), e o projeto para uma cidade de três milhões de habitantes (1922).

Giedion, de outro lado, procura decorticar as formas para escrever sua primeira grande síntese: *Bauen in Frankreich, Bauen in Eisen, Bauen in Eisenbeton* (1928). Esta foi seguida pelo pequeno livro *Befreites Wohnen* (1929), pouco circulado nas Américas, mas que marca um momento de imersão e engajamento com as questões atuais da arquitetura, do urbanismo e das artes entendidas por ele como fundamentais para a sua época.

Assim como Le Corbusier, as ações de Giedion estendem o mundo das palavras e da escrita. Em 1931, ele funda com Werner Max e Rudolf Graber a firma de design de móveis e peças para a casa *Wohnbedarf*, e em paralelo toma a frente com Marcel Breuer, Alfred e Emil Roth da construção do *siedlung Neubühl*, um dos pioneiros projetos suíços de assentamento localizado no subúrbio de Zurique, que introduz um discurso moderno de arquitetura e urbanismo. Sua residência na rua Doldertal em Zurique, que faz parte de um projeto multifamiliar projetada por Breuer e pelos primos Roth nos anos 1930, torna-se um ponto de encontro de artistas, arquitetos e intelectuais (onde grande parte deste meio artístico moderno seria oriundo do círculo de sua esposa Carola Giedion-Welcker). Em momentos de guerra, a casa serve também de acolhimento a amigos exilados. Stanislaus von Moos chega a defini-la como uma “*Hauptquartier* (sede) das tropas de choque” para as lutas do CIAM, sobretudo a partir de 1933, já que se as discussões do grupo inevitavelmente por lá passavam, por cartas ou pessoalmente. (von Moos, 1968)

Pode-se dizer que também em diferentes ritmos e suportes ambos passaram a fixar o olhar sobre os processos e condições da própria possibilidade de cada forma ser definida como tal.



O que, portanto, engenheiro e arquiteto irão mobilizar como atenção será a interação e reação poética dos corpos, em um viés barroco quase espinozista e, sobretudo, os próprios processos de formalização. Isto é, o método que cada qual constrói para gerar a forma.

Mas o que se pode dizer das suas afinidades?

### 3. CONSTRUÇÕES E ALIANÇAS EM TERRAS SUÍÇAS

O problema que me fascinou foi como nossa época foi formada, onde achavam-se enterradas as raízes do pensamento dos dias de hoje. Esse problema fascinou-me desde o tempo em que tornei-me pela primeira vez capaz de pensar sobre ele até hoje. (GIEDION, 1941)<sup>9</sup>

Como já mencionado, foi durante a residência nos Estados Unidos como professor em Harvard que Giedion publica *Space, Time and Architecture*, sua mais conhecida obra de sua extensa produção escrita. Este livro será o que melhor demonstra seus argumentos quanto ao entendimento da arquitetura moderna como um processo continuidade e de integração entre o pensar e o sentir. Decerto, a publicação em inglês e a situação privilegiada do autor contribuíram para sua ampla recepção no meio acadêmico. Contudo, Georgiadis Sokratis, Stanislaus von Moos, e mais recentemente Reto Geiser nos indicam que *Space, Time and Architecture* foi um trabalho cujas questões já vinham sendo problematizadas desde o período em que Giedion se fixa na Suíça, em 1923, justamente onde dá início, após a defesa da tese, às suas novas pesquisas sobre a arquitetura de ferro e concreto armado.<sup>10</sup>

Será nesta década, em meio a um campo de investigação e ação que começam a se desdobrar sobre o estado "presente" da arquitetura e do urbanismo, que Giedion e Le Corbusier se aproximam, dando início a um fértil cruzamento de ideias, afinidades e parcerias, a partir de 1928. Embora tivessem se conhecido em 1923-24, é a organização do Congresso Preparatório em La Sarraz que os aproxima. Seguramente, para os grupos que participam, com eles, dessa vanguarda européia, plural e cosmopolita reunida em torno da causa da *Neues Bauen* os CIAM foram um desdobramento concreto tendo em vista o resultado frustrante do Concurso da SDN (Sociedade das Nações) em 1927, em Genebra. Mas as distâncias entre os diversos atores é ainda grande e o tratamento, quase sempre é formal ainda que os objetivos convergentes. No caso dos contatos entre Le Corbusier e Giedion, é também Le Corbusier quem toma, o mais das vezes, as iniciativas de parceria. Propõe, convida, solicita, elogia: "Caro Senhor, Conto bastante consigo para uma grande parte da realização do Congresso [de La Sarraz], já que o Senhor conhece a questão e é claro e enérgico".<sup>11</sup>

Para os dois, ainda que guardadas as devidas proporções, os tempos são de mudança de escala na difusão e recepção de seus trabalhos. Tempos de deslocamentos do ponto de vista cultural, social, estético - de criação de novas alianças para novas arquiteturas. Se as trocas entre

<sup>9</sup> "The problem which fascinated me was how our epoch had been formed, where the roots of present-day thought lay buried. This problem has fascinated me from the time I first became capable of reasoning about it until today." Giedion, *Space, Time and Architecture*, 1941, (trad. dos autores).

<sup>10</sup> Sobre a biografia de Giedion e a construção de "Espaço, tempo e arquitetura", sugerimos a leitura de: Georgiadis Sokratis "Siegfried Giedion : eine intellektuelle Biographie", Zürich : gta Institut ETH Zurich, 1989; Stanislaus von Moos, "Siegfried Giedion ou la deuxième découverte de l'Amérique", in *Américanisme et modernité*, Paris: EHESS, Flammarion. pp.239-248; Reto Geiser, "Giedion in between : a study of cultural transfer and transatlantic exchange, 1938-1968", tese de doutorado defendida no gta Institut ETH Zurich, 2010.

<sup>11</sup> "Cher Monsieur, Je compte beaucoup sur vous pour une grande part du congrès, car vous connaissez la question et vous êtes clair et enérgique." Carta de LC a Giedion, 17.04.1928 (Arquivo Giedion, gta/ETH). (trad. dos autores).

Giedion e Le Corbusier se intensificam no período da formação dos CIAM, elas não se limitam contudo à esfera institucional dos congressos, como mostra carta de Giedion: “Cada vez mais vejo a importância de La Sarraz e cada vez mais compartilho da sua opinião que é necessário ter um pequeno grupo de arquitetos que tomem o impulso de agir pela mudança dos industriais, engenheiros etc.”<sup>12</sup>

Mas a aproximação entre os dois é cautelosa, respeitosa em que pese a pouca diferença de idade que os separa. A amizade é construída lentamente e permanece ao longo de anos, revelada não apenas em escritos “oficiais” dos CIAM, mas também por meio de longas cartas e trocas de afeto, que indicam que essa “eleição afetiva” irá gerar impactos e desdobramentos férteis em suas poéticas.<sup>13</sup>

Caro Senhor. Recebi o Cicerone e também a Zuercher Zeitung com seu artigo sobre a SDN. Muito obrigado pela sua simpatia. Permita-me que lhe faça um elogio; suas considerações sobre arquitetura são inteligentes. O senhor sabe extrair a essência das coisas, as linhas vitais, as forças motrizes (...) mas é raro encontrar alguém que, como o Senhor, saiba apontar claramente as conquistas revolucionárias que nos colocam diante de um novo fato arquitetônico. Aqui em Paris existe [apenas] Badovici que possui o mesmo senso agudo de apreciação. (Carta de LC a Giedion, 02/04/1927- Arq. Giedion, gta/ETH)<sup>14</sup>

As trocas de cartas ocorridas entre a segunda metade dos anos vinte e meados dos anos trinta são certamente fontes valiosas para melhor compreender os desdobramentos deste encontro.<sup>15</sup> Logo nos primeiros contatos, o tom e o ritmo dos escritos indicam a grande frequência de troca de ideias, de projetos pessoais e coletivos, bem como o confiante posicionamento compartilhado face às questões do lugar da arquitetura, das artes e do urbanismo na sociedade moderna.

Caro Senhor, Recebi sua carta de 1º de junho. Obrigada pelo esforço que tem feito. Quarta-feira o senhor receberá um excelente document mostrando (com uma colagem de fotos) o aspecto de nosso palácio [o projeto da SDN] visto a partir do lago, para a Sch. III Zeit [Schweizer Illustrierte Zeitung] e para o l’Illustré. (...)

A política a seguir é que todos falem do nosso projeto: portanto, é necessário obter um artigo bem completo para a Neue Zuercher Zeitung. (...)

É preciso conseguir artigos também

no Bund

no Basler Nachrichten

na Gazette de Lausanne

Eis portanto, caro Senhor Giedion, o que será um excelente trabalho: 1/ Sch. III. Z; 2/ Illustr; 3/ Neue Zuercher Z; 4/Bund/ 5/ Basler Nch / 6/ Gazette de Lausanne

<sup>12</sup> “De plus en plus je vois l’importance de la Sarraz et de plus en plus je suis de votre opinion qu’il faut avoir un petit nombre des architects et prendre la force d’agir par l’adaptation des industriels, des ingénieurs etc.” Carta de Giedion a LC, 27.12.1928 (Arquivo Giedion, gta/ETH), (trad. dos autores).

<sup>13</sup> A correspondência entre Giedion e Le Corbusier faz parte da coleção dos arquivos da Fundação Le Corbusier em Paris, do Instituto gta ETH e da coleção privada de Carola Giedion em Zurique.

<sup>14</sup> “Cher Monsieur, J’ai bien reçu le Cicerone et aussi la Zuercher Zeitung avec votre article de la S.D.N.. Merci bien vivement de votre sympathie. Laissez moi vous faire un compliment: vous êtes très intelligent dans vos considerations sur l’architecture. Vous savez extraire l’essence des choses, les lignes vitales, les causes motrices. (...) Mais, il est rare de trouver quelqu’un qui comme vous, a désigné clairement les acquits révolutionnaires qui nous mettent en face d’un nouveau fait architectural. Ici à Paris, il y a Badovici qui lui aussi a un sens d’appréciation aiguisé.” Carta de LC a Giedion, 02.04.1927 (Arq. Giedion, gta/ETH), (trad. dos autores).

<sup>15</sup> Nos arquivos de Giedion e Carola Giedion, hoje guardados no gta/ETH Zurich, existem aproximadamente cinco dezenas de cartas relacionadas a este período entre 1925 e 1935, bem como os artigos que Giedion escreveu sobre Le Corbusier e a arquitetura moderna. A grande maioria das cartas preservadas foram recebidas por Le Corbusier e há apenas algumas cópias de cartas enviadas por Giedion. Já na Fundação Le Corbusier em Paris, a maior quantidade de correspondência existente e que está relacionada a este primeiro contato é de 1927 e 1928.

Em Genebra o necessário sera [também] feito na La Suisse tribune, Journal de Genève (...)  
Saiba , no entanto, que se coloco tanta obstinação para conseguir essas coisas (e eu conseguirei) é para fazer algo belo e grande e não para conseguir dinheiro ou por vaidade. Seu devotado Jeanneret. (Carta de LC a Giedion, 05/06/1927 - Arquivo Carola Giedion)<sup>16</sup>

É um fato, que a recusa do projeto de Le Corbusier e Pierre Jeanneret no concurso para o edifício sede da SDN e, mais tarde, os planos para divulgar o projeto nos jornais suíços, já indicam intenções promissoras de trabalhos em parceria. Apesar de tão firmes discursos e tão convictas atitudes, Giedion e Corbusier mal poderiam saber da dimensão global que os CIAM ganhariam nos debates sobre a arquitetura ao longo das décadas seguintes.

Meu Caro Giedion (...)

1o. Escrevi ontem para o Sr. Rukser (advogado do Ring) lhe explicando o que fazíamos aqui e o que julgava útil que a Alemanha fizesse: A Alemanha [Härring entre outros ] não deve de nenhum modo comandar um movimento que rapidamente seria qualificado como anti-francês. Deve-se evitar uma guerra franco-alemã da arquitetura; Minha situação ficaria terrível. A Alemanha deve deixar que as negociações no conselho sejam iniciadas pela Holanda e apoiada, apenas depois..

2o. (...)

3o. (...)

8o. (...) O senhor pode fazer muito em Berlim. Leia com atenção minha carta a Rukser. O senhor compreendia como ele (...). É necessário agir com muito delicada(mente) porque não se pode bater de frente contra a força moral da SDN.

A SDN deve salvar as aparências e se nós quisermos ela deve poder ir mudando lentamente de opinião. E aquele que deve trazer a solução é nosso inimigo Briand!!! Eis tudo! Amizades, Jeanneret.<sup>17</sup> (Carta de LC a Giedion, 21/01/1928 -Arquivo Carola Giedion)<sup>18</sup>

Le Corbusier é claro em suas opiniões quanto à complexidade e dimensão de um movimento a ser organizado. De fato, serão ambos, Le Corbusier e Giedion, quem tomarão frente na constituição deste grupo, que virá a se tornar os CIAM no final dos anos vinte. Contudo, ambos estão de acordo que o grupo deveria ser restrito, sem ambições de transformar suas discussões em máximas inquestionáveis ou doutrinas de extensa aplicabilidade. Eles sabem que para além de ações imediatas e projetos para a construção de alianças, em suas agendas, desenha-se um novo compromisso de objetivação ante novas formas de viver a experiência urbana e coletiva.

<sup>16</sup> "Cher Monsieur, bien reçu votre lettre du 1er juin. Merci de toute la peine que vous vous donnez. Vous recevez mercredi un excellent document donnant (par un collage de photos) l'aspect de notre palais vu depuis le lac, pour la Sch. Ill. Zeit. (Schweizer Illustrierte Zeitung) et pour l'illustré. (...) La politique à suivre est que tout le monde parle de notre projet: il faudrait donc obtenir l'article très complet à Neue Zuercher Zeitung. (...) Il faudrait obtenir de memes articles au Bund, au Basler Nachrichten, à la Gazette de Lausanne. Voilà, cher Monsieur Giedion qui serait un bon travail: 1/ Sch. Ill. Z; 2/ Illustr; 3/ Neue Zuercher Z; 4/Bund/ 5o Basler Nch / 6o Gazette de Lausanne. A Genève le nécessaire sera fait à La Suisse tribune, Journal de Genève (...) Mais sachez bien que si je mets une telle obstination à réussir (et je réussirai) c'est pour faire une belle et grande chose, et pas pour poursuivre des XXX d'argent ou de vanité. Votre devoué, Jeanneret. Carta de LC a Giedion, 05.06.1927 (Arquivo Carola Giedion), (trad. dos autores).

<sup>17</sup> Nota: Aristide Briand (1862-1932) foi um diplomata francês, ganhador do prêmio Nobel da paz em 1926. Briand teve um papel fundamental nas relações internacionais, sobretudo nos assuntos franco-alemães, colaborando para a construção de um conselho de segurança coletiva. Ele presidirá o conselho da SDN até falecer em 1932.

<sup>18</sup> "Mon cher Giedion, (...) 1o. J'ai écrit hier à M. Rukser (avocat du Ring) lui expliquant ce que nous faisons ici, en ce que je jugeais utile que l'Allemagne fasse: L'Allemagne ne doit absolument pas prendre la tête d'un mouvement qu'on appellerait de suite anti-français. Il faut éviter une guerre franco-allemande de l'architecture: ma situation deviendrait grotesque. L'Allemagne doit laisser amorcer l'affaire au conseil par la Hollande et appuyer seulement après. 2o. 3o. (...) 8o. (...) Vous pouvez faire beaucoup à Berlin. Lisez bien attentivement ma letter à Rukser. Vous comprendrez même que lui (...). Il faut jouer très délicat(ment) car il ne faut pas se casser le nez contre la force morale de la S.D.N. La SDN doit sauver les apparences et si nous voulons un résultat, elle doit pouvoir changer d'avis doucement. Et celui qui doit pouvoir apporter le solution pacifiante, c'est notre ennemi Briand! Voilà! Amitiés, Jeanneret." Carta de LC a Giedion, 21.01.1928 (Arquivo Carola Giedion), (trad. dos autores).



Há uma reviravolta na arquitetura. As palavras, as críticas misteriosas da SDN não se sustentam mais: o fato está claro, desmontado, ilustrado completo diante dos olhos. Nós os representantes de toda a Europa técnica, vemos com clareza. Nós afirmamos, mostramos, reclamamos em nome da arquitetura. Nossas vozes têm o peso do mundo profissional,...Por outro lado, posso dar aos senhores o nome de altas personalidades que nos apoiam como a Sra. Lyantry, Voisin, Cendrars, Romis, etc etc. (Carta de LC a Giedion, 30/12/1928 - Arquivo Carola Giedion)<sup>19</sup>

Como se viu, ainda que rapidamente, a década de 1920 e, particularmente 1928-1929, será um divisor de águas para Giedion, para Le Corbusier e para a rede de sociabilidade que, de início independente, passa a ser partilhada. Nosso objetivo vem sendo explorar a noção moderna de história que também passa a guiar inclusive, seus métodos de projeto. Giedion e Le Corbusier usam para a memória ou a antecipação um mesmo “retroprojeto”, como mostrou Gaudin (1991) que ilumina, seleciona, filtra e monta as imagens e constroem as narrativas. Mas o uso do retroprojeto não se confunde com o automatismo do projetor de filmes. É aquele dispositivo que serve a Marcel Poëte para diferenciar – já a época, duas noções de história e que conviria discutir: uma que vai ganhando cada vez mais institucionalização e é praticada pelos historiadores, outra que é entendida pelos arquitetos no ato de projeto.

Entretanto, há muito trabalho ainda a ser feito na compreensão da circulação de termos, sentidos, métodos. Uma primeira barreira diz respeito justamente a essa ruptura entre história, história da arte, história aplicada. A outra é a ausência ainda de estudos e de monografias sobre tantos atores, e neste caso pelo menos as de Giedion e de sua *entourage*.

De fato, se os estudos sobre Le Corbusier se legitimaram como um “campo” e um “problema” ao longo da década de 1980 em diversas escolas, como na França, Itália, Suíça e também no Brasil, por outro lado, análises críticas sobre Giedion, suas redes de sociabilidade e, portanto, sua relevância para o campo, apenas engatinham, ficando restritos a algumas instituições, sobretudo no meio acadêmico da Suíça e dos Estados Unidos. Estes foram, respectivamente, países onde Giedion se formou, iniciou sua carreira, contribuiu para a formação dos CIAM (Suíça) e se estabeleceu como acadêmico (Estados Unidos), transferindo, inclusive, os debates dos CIAM para território norte-americano. Examinar os contatos entre ambos na década possibilitaria não somente situar de modo mais fino as narrativas e “mútuas apropriações”, mas também melhor posicionar como suas visões de mundo encontraram campo fértil nas Américas.

Entretanto, Hugo Häring, em sua crítica a Giedion e Le Corbusier, mergulhado em uma Europa partida, mostra que certamente não compreendeu ou sequer intuiu sobre os avanços, desvios, decisões ou hesitações que atravessaram a biografia desses dois homens desde que, por sua vez, os conheceu.

Sua crítica teve como alvo muito mais Giedion do que Le Corbusier e isso, possivelmente, devido também a questões culturais. Ambos haviam circulado no interior de um mundo letrado de cultura germânica e como se vê, as considerações de Häring sobre o papel de ambos ultrapassavam questões estéticas e até mesmo políticas, esboçando antagonismos e preconceitos que continuavam ainda exacerbados mesmo com o fim da guerra e suas

<sup>19</sup> “Il y a là, un tournant de l’architecture. Les mots, les critiques mysterieuses de la SDN ne tiennent plus: le fait est clair, démonté, illustré, complet devant nos yeux. Nous, les représentants de toute l’Europe technique, nous voyons clair. Nous affirmons, nous réclavons, nous demandons, au nom de l’architecture. Nos voix ont le poids du monde professionnel, etc... Je pourrais d’autres part, vous donnez les noms de hautes personnalités enthousiastes, telles que Mme Lyantry, Voisin, Cendrars, Romis, etc etc.” Carta de LC a Giedion, 30.12.1928 (Arquivo Carola Giedion), (trad. dos autores).



barbáries.

Como se disse, as reservas de Häring movidas por visões de arte ou de mundo em relação a Giedion e LC mantiveram-se, ao que parece, por toda a sua vida, mas foram impotentes para desconstruir a herança crítica do mais importante fórum de debates sobre a arquitetura e sobre o urbanismo. Os CIAM foram, de fato, criado coletivamente, mas também graças à obstinação - e nisto ele tem razão - de dois homens que nem sempre estiveram juntos, mas souberam andar muitas vezes na mesma direção. Sobre eles muitas narrativas já foram construídas. Sobre eles muitas narrativas ainda nos convidam ao desafio de montá-las.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Bruno Maurer, Daniel Weiss e Filine Wagner pela gentil assistência e abertura dos arquivos de Giedion e Carola Giedion no gta/ETH.

### REFERÊNCIAS

- BAUDIN, A. *Hélène de Mandrot et la Maison des Artistes de La Sarraz*. Lausanne : Payot, 1998.
- BRUDERER-OSWALD, I. *Das Neue Sehen: Carola Giedion-Welcker und die Sprache der Moderne*. Bern: Benteli, 2007.
- CIUCCI, G. *The Invention of the Modern Movement*. *Oppositions* 24, 1981, PP.68-91
- COHEN, J-L. *Architecture in uniform: designing and building for the Second World War*. Montreal: CCA, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Intérférences: architecture Allemagne – France 1800-2000*. Strasbourg: Éd. Des Musées de Strasbourg, 2013.
- DOMHARDT, K. *The Heart of the City: die Stadt in den transatlantischen Debatten der CIAM 1933-1951*. Zurich: gta Verlag, 2012.
- DLUHOSCH, E., SVÁCHA, R. *Karel Teige 1900-1951: L'enfant terrible of the Czech modernist avant-garde*. Cambridge Massachusetts: The MIT Press, 1999.
- FORTY, A. *Words and buildings: a vocabulary of modern architecture*. London: Thames&Hudson, 2000.
- GEISER, R. *Giedion in Between. A Study of Cultural Transfer and Transatlantic Exchange, 1938-1968*. Zurique: tese de doutorado defendida pela ETH Zurique, 2010.
- GEOGIARDIS, S. *Sigfried Giedion: an intellectual biography*. Tradução de Colin Hall. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1993. Primeiramente publicado em alemão pela Ammann Verlag, Zurich, 1989.
- GIÉDION, S. *Building in France, building in ferroconcrete*. Santa Monica, CA: Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1995. Primeiramente publicado em alemão pela Klinkhardt & Biermann, Leipzig, 1928.
- \_\_\_\_\_. *Befreites Wohnen*. Zurich: Orell Fuessli, 1929.
- \_\_\_\_\_. *Space, Time and Architecture: the growth of a new tradition*. Cambridge, Massachusetts : Harvard University Press, 1970. Primeira edição publicada em 1941 pela mesma editora. A edição com a versão em português foi publicada pela Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- LAMPUGNANI, V. M. A History of the History of Architecture of the Twentieth Century. In: *Sigfried Giedion: A History Project*. *Rassegna* 25, March 1986, pp. 18-29.



- LE CORBUSIER. *Après le cubisme* (com Ozenfant). L'édition originale de cet ouvrage a été publiée en 1918. Paris: Altamira 1999.
- \_\_\_\_\_. *Por uma Arquitetura*. A edição original publicada em 1923 sob o título *Vers une architecture*, por Editions G. Crès et Cie à Paris. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *En Défense de l'Architecture*. texto datilografado, via Moscou, 8 junho 1929 (FLC)
- MUMFORD. E. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge – London: The MIT Press, 2000.
- ORTIZ DOS SANTOS, D. *Pequeno vocabulário de Le Corbusier*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado defendida pelo PROURB/UFRJ, 2009.
- OECHSLIN, W. [et al.]. *Sigfried Giedion 1888-1968: Der Entwurf einer modernen Tradition*. Zurich: Ammann, 1989
- PEREIRA, M. S. [et al.]. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela/Projeto Editora, 1987.
- \_\_\_\_\_. Quadrados brancos: Le Corbusier e Lucio Costa. In: NOBRE, A. [et al.]. *Lucio Costa: um modo de ser moderno*. São Paulo, Cosac & Naif, 2004. p.220-245.
- RISSELADA, M. [et al.]. *Team 10, 1953-1981: in search of a utopia of the present*. (Orgs.) Rotterdam: NAI Publishers, 2005.
- RODRÍGUEZ SOSA, M. *A Guanabara de Doxiadis e a Havana de Sert: Ekistics e Urban Design, novas direções na ruptura do CIAM*. Rio de Janeiro: tese de doutorado defendida pelo PROURB/UFRJ, 2008.
- SERT, J. L. *Can our cities survive? : an ABC of urban problems, their analysis, their solutions : based on the proposal formulated by the C.I.A.M.* Cambridge : The Harvard University Press, 1944.
- STEINMANN. M. *CIAM: Dokumente 1928-1939*. Basel – Stuttgart: Birkhäuser, 1979.
- TSIOMIS, Y. et al.]. *CIAM 1940-1956: les documents de la Fondation Le Corbusier*. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 1997.
- VAN DER WOUDE, A. *Het nieuwe bouwen internationaal: CIAM*. Otterlo: Delft University Press, 1983.
- VON MOOS, S. *Sigfried Giedion zum Gedenken*. Schweizerische Bauzeitung. Band 86, H.26. 27 June 1968
- \_\_\_\_\_. Sigfried Giedion ou la deuxième découverte de l'Amérique. In: H. Damisch e J-L. Cohen (orgs). *Américanisme et modernité*. Paris: EHESS, Flammarion, pp.239-248.
- WOJTOWICZ, R. *Mumford on modern art in the 1930s*. Berkeley: University of California Press, 2007.